



0

AFFONSO CELSO JUNIOR

---

TÉLAS SONANTES

~~~~~  
1877—1878.  
~~~~~

S. PAULO.

TYP. DE JORGE SCKLER, RUA DIREITA N. 15

1879.

4-5

1-A  
9/2/47



32922 d.  
1947

A0



9.166  
58

AO TALENTO, AO CARACTER E AO CORAÇÃO,

ISTO É,

AO ILLM. SR. DR. MAGALHÃES CASTRO

Publico estes versos, — compostos á lei da inspiração momentanea, — sem o mais leve vislumbre de pretensões litterarias. Bani d'elles o exclusivismo subjectivo.


Si agradarem, póde ser que eu continue a cultivar, nos meus lazeres isolados, « a Poesia grande e sancta, — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir ».

« O publico os julgará, direi ainda como Gonçalves Dias : « Tanto melhor si elle os despreza, porque o auctor interessa em acabar com essa desgraçada vida, que se diz de Poeta. »

S. Paulo, 29 de Março de 1879-







## A FLAUTA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

### I

De noite, aquelles sons de musica em distancia  
Tinham a ideal fragrancia  
D'um coração de bardo em afflicções premido:  
— Era um rijo operario, um paria, que á miseria  
Na flauta procurava um momentaneo olvido.

Tinha uma filha o triste. Apparição etherea,  
Da infancia em pleno Abril, o canto merencorio,  
Ao pae ouvia, e, incauta,  
Poisando-lhe no hombro o rosto seu marmoreo,  
Esperava do somno o balsamo illusorio  
Aos sons do vago anseio harmonico da flauta.

Talvez aquella voz de placidez tão doce,  
Como um threno infantil que limpido se esvae,  
Da fallecida mãe recordação lhe fôsse  
E d'ella lhe trouxesse o anhelito de um ai...  
Por isso, quanta vez em lagrimas furtivas  
Su'alma desatou-se,  
Na hora em que mais vivas  
Soluçavam-lhe em torno as musicas do pae!

Viviam todos dous n'um misero agasalho :  
— Elle sahia cedo á busca do trabalho,  
Quando albôres havia apenas da manhã ;  
Voltava quando a luz, no extremo arranco, ardia,  
Trazendo a refeição ascetica do dia  
E o cansaço cruel do seu continuo afan.

O dia inteiro alli, na sordida mansarda,  
Passava a filha a sós ;  
Mas quem não crê, dizei, n'um anjo bom da guarda  
Que o passo á infancia ampara e vela sobre nós?!

Depois, fallava a flauta e aquella triste vida  
Entornava expansões em musica sentida,  
Até que, a pouco e pouco, as palpitantes notas  
Iam levando aos dous a ideia além... além...

A's regiões remotas  
Onde esplende a mansão phantastica do bem.

A filha adormecia á vibração sonóra...  
Findava o pai seu canto, ao contemplal-a assim :  
— Ella ia descancar até romper a aurora,  
E o sonho é náu de prata em mares de rubim.

Então elle, ao guardar o languido instrumento,  
Beijava-o com unção, porque dos tons subtis  
Provinha-lhe um condão que, ao menos um momento,  
Tornava-lhe da filha o coração feliz.

Era-lhes, pois, bem negra a vida humilde e casta,  
Vida que o proletario em toda a parte arrasta  
No turbido estertor de um lugubre declivio :  
E, ao menos, este á voz da companheira antiga,  
Da flauta, a boa amiga,  
Nas privações frua estimulante allivio.

Quando, da sorte ingrata ao louco paroxismo,  
Puxava-o a attracção ao fundo desse abysmo,  
Onde a demencia habita e o desespero é rei,  
De noite, os tons da flauta  
Pareciam bradar-lhe: avante! ao forte nauta  
Desdem instiga o pégo e a tempestade é lei!!..

## II

Chegou, porém, o inverno. O lancinante frio  
Trouxe um cortejo atróz de males e granizos:  
— Fóra, o céu tinha um ar prostrado e doentio,  
Murchavam dentro, á mingua, os prazenteiros risos.

O proletario andava atrabiliario e mudo:  
Dir-se-hia estar tambem seu coração transido;  
Sucumbiu-lhe o denôdo e, espedaçado o escudo,  
Ficou-lhe o torvo esgar do luctador batido.

Faltava-lhe o trabalho. Andava á lei da sorte.  
Na inercia que arrefenta o musculo mais forte,  
Jazia quedo o braço e não lhe dava o pão:  
E á noite, quando á flauta as maguas confiava,  
Irrompiam-lhe os ais do peito, como a lava,  
Que, fervendo, rebenta em convulsivo chão.

Veio, por fim, a fome asperrima. A creança  
Gemia semi-núa:  
Havia tal pallor na sua face mansa  
De até metter inveja á pallidez da lua.

Quando o pae recolhendo exausto, por ventura,  
Ia beijar-lhe a testa,  
Gelava os labios seus essa friez funesta  
Que lembra a sepultura.



Da flauta, entanto, amava ainda os ternos canticos:  
— Aos sons, os olhos seus nostalgicos, profundos,  
Pareciam roubar, em extasis romanticos,  
Um lume estranho ao sol de imaginarios mundos.

Des cillios lhe fugia o somno, e, a horas mortas,  
Quando o vento a gemer como um mendigo, ás portas,  
Implorava, — quem sabe? — esmolas ideaes,

Ella, do pae ao lado,  
Pedia, ao vél-o mudo, exanime, vergado,  
Que descansasse um pouco e lhe tocasse mais.

De uma candeia a luz chorava um lume baço,  
De crepes envolvendo ao quarto o desalinho,  
E, tremula, a canção ia vingando o espaço,  
Como ave que, com medo, á noite sahe do ninho.

A creança escutava... Angelica alegria  
Banhava-lhe as feições de um mystico prazer;  
— Não se lembrava a triste, então, que no outro dia  
Não tinha o que comer!?

.....  
A carestia, enfim, tão rude entrou no asylo  
Que foi preciso ao pae ir empenhando aquillo  
Que lhe era mais custoso e menos necessario:  
Sahia occultamente, ao despontar da aurora,  
E, tremendo, pedia á casa da penhora  
O que á filha dizia ainda ser salario.

Depois, punha-se a andar, monotono, sombrio,  
Qual diante do juiz o vil que o crime esconde;  
Quem o via passar, chamava-o de vadio,  
Buscava trabalhar, nem já sabendo aonde.

Voltava á ca  
A parca refe  
— Depois, to  
Que conhecia

No entanto  
Sentiam-se n  
— Já muita

Torçera-se a  
Nas deidas

Pesava no t  
No carcere

La afogar se

Empenhára-  
Velava a so  
E a flauta in  
Na mansidã

Quando de  
Elle um dia  
Regressou l  
Mas entre-a

E, como elle  
Desfez-se-lhe  
Alvoreceu d

Voltava á casa, tarde. A' filha dava algente  
A parca refeição de um impróbo labor;  
—Depois, tomava a flauta: era ella a confidente  
Que conhecia só como o miuava a dôr!!..

### III

No entanto com furor recrudesce o inverno...  
Sentiam-se no vento os halitos do inferno...  
—Já muita vez, do norte á gelida risada,  
—Em afflicções sem nome,  
Tercêra-se a creança exangue, allucinada,  
Nas doidas convulsões hystéricas da fome.

Pesava no tugurio o ar lethal que existe  
No carcere fatal d'um condemnado á morte;  
Mas inda a flauta triste  
Ia afogar seus tons no rebramir do norte.

Empenhára-se tudo. A treva horrenda e muda  
Velava a sordidez e as contorsões da face;  
E a flauta inda a tocar... Talvez aos céus mandasse,  
Na mansidão mentida, uma ironia aguda!!..

### IV

Quando de mais tornou-se ao pobre esta tormenta,  
Elle um dia sahio da ventania ao som;  
Regressou logo após, mais triste e macilento,  
Mas entre-aberto o labio em riso ameno e bom.

Folgoz a filha ao vê-lo,  
E, como elle trazia um optimo jantar,  
Desfez-se-lhe de prompto o mortuario gelo,  
Alvoreceu de novo um sol no seu olhar.

No ondulante existir voluvel de criança,  
Depressa ella olvidou o percorrido transe;  
Refeita, só ficou-lhe a pallida lembrança  
Que deixa a folha má d'um tragico romance.

Pôz-se então a fallar, com saltitantes trinos,  
Dizendo: « eu quero ter satisfação completa;  
Vem, pois, tocar-me, pae, na flauta um desses hymnos  
Que fazem-me entrevêr uma mansão dilecta.

« A flauta... como é boa, ó pae, como eu a quero...  
E' como minha irmã... Estimo-a tanto... tanto...  
Que até... » Porém o pae ficára tão severo  
Que quasi fez de novo o olhar nadar-lhe em pranto.

« A flauta, onde é que está? vae vê-l-a e toca um pouco,—  
Murmurou ella ainda,— um canto ameno e brando,  
Vamos... » Mas elle ergueu-se extenuado, louco,  
E lhe bradou chorando:  
« Oh! não me falles d'ella;  
A triste hoje entoou sua canção mais bella  
E... foi jazer além!... »

.....  
E como ella insistisse, em tom soturno e rouco,  
Tornou-lhe soluçando:  
« Tinhas-lhe amor de irmã... não é assim? pois bem:  
—E' tão cruel a trilha  
Da vida atroz e vã,  
Que, para conservar a tua vida, ó filha.  
Vendi hoje a um mercante a tua casta irmã!!... »

Dezembro—1878.

CATAGUAZES.



## QUADRO BIBLICO

A ZEFERINO DE FARIA FILHO

Da turba amotinada estruge a infrene grita :  
—Persegue uma mulher que corre e fôge afflicta.

A retumbante voz da humana tempestade  
Suffoca os tenues sons á voz da caridade.

Da triste a côma esparsa agita-se e fluctúa ;  
—Parece uma aza negra ; açoita a espada nua.

O orvalho do cansaço aljofra-lhe o semblante ;  
Arqueja em peito arfado o alento agonisante.

Dissereis contemplando o vulto desvairado,  
Que a estatua do pavôr havia se animado.

As linhas do seu rosto a angustia contrahia,  
Ostentando os signaes das garras da agonia.

Por vezes, um momento, exhausta ella descança :  
—Detem-se, volve o olhar e segue : — a turba avança !...

Mas, sulito, na estrada, o Christo eil-a que avista ;  
—Ao vê-lo regagueja um brado que contrista.



Unindo as debeis mãos, com supplicante gesto,  
Do Nazareno aos pés arroja o corpo infesto.

Se agrupa a turba em róda; alteia a ingente falla:  
« Adultera, infiel; deixai apedrejal-a!... »

« Deixai apedrejal-a, assim a lei prescreve! »—  
Jesus, sem responder, no chão de manso escreve.

« A pedra lhe arremesse, emfim diz socegado,  
Primeiro quem de vós se julgue sem peccado. »

Movido pelo espanto, o povo se dispersa;  
—Eis a culpada a sós na immensa magoa immersa.

« Mulher, não peques mais, diz Christo, em voz serena,  
Pódes seguir, em paz: ninguem, vê, te condemna. »

---

E ao som da meiga voz angustia dolorida  
Mostrou-se no semblante altivo á multidão!...  
—Baixou humilde o olhar:—chorava arrependida  
Não diante do castigo, em face do perdão.

S. Paulo—Julho—1877.

## ESBOÇO

A GASPAR DA SILVA

### I

Descêra o panno. O drama .  
Accendera febril no intimo das almas  
Do enthusiasmo a chamma.  
—Fôra ardente e brutal o derradeiro arranco;  
Da multidão o applauso arrebertára franco  
N'uma doida explosão phrenetica de palmas.

A funda commoção, a pallidez violenta,  
Haviam transtornado as linhas regulares  
Da joven opulenta  
Ao rosto encantador:  
Indeciso oscillava o medo em seus olhares,  
N'uns mysticos assombros,  
E a breve mão que a capa accommodava aos hombros  
Trahia as contracções nervosas do tremôr.

No emtanto era bizarro  
Da phantastica peça o imaginoso enredo;  
Mas, sensivel, a dama estava impressionada,  
E, cheia inda de medo,  
Tremendo entrou no carro  
Que rapido rolou nas pedras da calçada.

## II

Chegou á casa. A' porta,  
D'ella achava-se á espera um servidor antigo  
De pé, junto ao portal:  
—Passára a commoção; de somno estava morta:  
No leito, em quente abrigo,  
Urgia-lhe transpôr do somno o doce umbral.

Mas o servo que tem? a moça, quando apeia,  
Vê-lhe o rosto senil com pallidez atroz:  
—Que tem?... Seu peito aneia...  
—Que tem?... Treme-lhe a vóz...

Dias antes, ai delle! o filho que enfermára,  
Em misero casebre,  
—Nos delirios crueis de prostradora febre,  
De tarde agonisára.

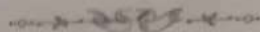
E o pobre pae, fiel á obrigação que tinha  
De á senhora esperar a volta em hora incerta,  
Alli ficado havia,  
Deixando o filho, além, na casa, então deserta,  
A estorcer-se talvez, da morte já vizinha  
Nos espasmos lethaes da livida agonia!!...

## III

A moça que, do palco ao drama imaginario,  
Havia arfado tanto,  
Soube reter o pranto  
Perante o drama vivo, honrado e solitario!  
—Soltou um ah! de gelo, e, como a olhasse o velho,

Pedindo-lhe talvez no transe algum conselho,  
Disse, com abandono,  
De indiferença cheia,  
—Que podia ir velar ao filho o extremo somno,  
Mas que fosse primeiro á mesa pôr a ceia!!...

S. Paulo.—Março—1878.





## NOIVADO

A J. M. DE ANDRADE FIGUEIRA

### I

Da igreja na extensa nave  
Ledo o cortejo se estende:  
—Em todo o rosto, suave,  
Meiga alegria resplende.  
Repica o sino. No espaço  
Pendura a noite pingentes  
Como faceiro atavio;  
E as trévas soltam-se a passo  
Tal como as franjas pendentes  
D'um reposteiro sombrio.

Envolta em véos de noivado  
A moça do noivo ao lado,

Em scisma incerta revoa  
Do regosijo ao temor;  
E o moço, ao ver-lhe a coroa,  
Que cinge á coma os negrumes  
Quasi que sente ciumes  
Dos aconchegos da flor.

## II

Abrem os olhos os cirios,  
Vôga a malicia nos ares;  
A noiva deita uns olhares  
Que põem o noivo em delirios.

O padre emfim se aproxima  
Latinas rezas murmura,  
E, pondo a estóla por cima,  
Nas suas as mãos segura  
Do par ancioso e constricto:  
—A da noiva prende o moço  
E ella em doce alvoroço  
Repete as phrases do rito.

Chega-se a turba ao altar  
Para á porfia saudar  
Do par ditoso o futuro:  
Sómente n'um canto, occulto,  
Sinistro, immovel, escuro,  
Fica de pé negro vulto...

## III

—Ouve-se alguém soluçar!...

. . . . .

## IV

Soam vivos cumprimentos;  
O noivo, louco, fremente,  
Póde abraçar finalmente  
O sol dos seus pensamentos...

Folgae, creanças, folgae:  
Quanta doirada promessa,  
Cedo morta no passado,

No existir que hoje começa  
Nascer-vos risonha vae!..  
—A vida murcha depressa:  
Gozai, pois, vosso noivado  
Folgae, crianças, folgae!

V

E' tarde... Ha muito da festa  
Na tréva o brilho afogou-se.  
Só uma luz peregrina,  
Que em zelos talvez se mova,  
Da janella pela fresta  
Coa um luar calmo e doce...

Era a luz da lamparina  
Dos desposados na alcova...

Dentro, na paz do descanso,  
Havia um tenue rumor,  
Que silvava manso... manso...  
Como um segredo de amor.

Mas, ai! n'essa hora encantada,  
Na rua, sobre a calçada,  
Alguem jazia de bruços...  
E, inerte, como na egreja  
O vulto negro,—forceja  
Para abafar uns soluços!...

S. Paulo.—Agosto—1878.

—\*~\*~\*~\*

## SCENA VULGAR

A F. C. DE ARAUJO BRUSQUE

### I

Da convulsiva tosse o flaccido estalido  
Soava sem cessar. Dissereis o rangido  
Da porta do sepulchro aberta a pouco e pouco  
Ou do abutre da morte o grito arfado e rouco,  
N'um peito doentio a gaguejar molesto,  
Pois o monstro fizera ali seu ninho infesto.

Os olhares da mãe, desertos de esperança,  
Envolviam, no collo, a livida creança  
Cujos olhos febris, mais negros do que os luctos  
Que iam breve causar, luziam impollutos  
Já da luz ideal do céu que os reclamava...  
—De quando em quando a triste o rosto lhes voltava  
Para os prantos limpar, e, após, ao desgraçado  
Simulava um sorrir de lagrimas pejado,  
Como um raio do sol coado entre neblinas;  
E, com tremula voz, historias peregrinas  
Ensaiaava contar.—Porém o exausto infante  
Nada ouvia a tossir, em ancias arquejante...  
—Então, em doce gesto implorador, pedia



Que não tossisse mais; mas elle inda tossia,  
Encostando-lhe ao peito o rosto doentio,  
Banhado de um suor, como o sepulchro, frio...  
E, soluçava ahi, mas vendo-o tão pendido,  
Mostrava-lhe de novo o calmo rir mentido...  
—Em desespero, após, nos braços convulsivos,  
O apertava, o apertava em mil transportes vivos,  
Como para impedir a morte de leval-o:  
E, depois, a offegar d'aquelle immenso abalo,  
A cantiga infantil que outr'ora o adormecera,  
Inclinada a beijar-lhe o rosto côr de cêra,  
Cantava-lhe baixinho...

Ai! tudo era baldado,  
Volvendo-lhe indeciso o olhar meio empanado,  
A creança tossia, ainda, ainda... ainda...  
Com os sons de um relógio ao qual a corda finda.

## II

Mas eis que longe e branda e paulatinamente,  
Aos poucos se achegando, ouviu-se de repente,  
Como um brado agoureiro, a vóz de um realejo...  
Ao ouvil-o, passou a sombra de um desejo  
No quasi extincto olhar do agonisante archanjo:  
Seu rosto se animou.—Compoz o desarranjo  
Das vestes infieis. Depois, tremulo, incerto,  
Procurou levantar-se. Então já muito perto  
A musica tocava. A mãe, cheia de medo,  
Não o vendo tossir, sorriu um riso ledo  
E, lenta, o carregou á frisa da janella,  
D'onde melhor ouvisse a musica singella.  
Ahi, meiga, encostou-lhe, entre prazer e assombro,  
A mimosa cabeça ao seu macio hombro.  
E, após, fez um signal de alegre chamamento  
Com a gélida mão, viuva já de alento,  
Que fez sorrir o infante.—O tocador parava  
Um momento depois, á porta. Se agrupava  
A turba em derredor...

Aos sons  
A creança fecho  
Seu manso respi  
Pareceu ir do se  
Satisfeita a entr  
Um doce bem es  
Vergado em lan  
E, em extasis ta  
Voavam-lhes em  
Como um bando  
Trinando em pa

Mas ei  
Com trega livid  
N'um desespero  
A chorar, abraç  
E um rosto se  
Sacudio-o, grita  
Gemendo, soluç

E tudo  
Que ella beijava  
Tambem puzera

—A creança m  
E su'alma ao e  
Subira com os

No emtanto, o  
De prompto re  
Dispersando o

—Então, ergue  
Emquanto a m  
Com grosseira

Côrte.

### III

Aos sons indefinidos,  
A creança fechou os olhos abatidos :  
Seu manso respirar tornou-se inda mais brando.  
Pareceu ir do somno ao collo se abrigando,  
Satisfeita a entrever um sonho feiticeiro...  
Um doce bem estar banhou-lhe o corpo inteiro,  
Vergado em languidez de placido quebranto;  
E, em extasis tambem, a mãe ouvia, emquanto  
Voavam-lhes em torno os meigos sons suaves,  
Como um bando ideal de prazenteiras aves  
Trinando em paz...

Mas eis que estruge horrendo grito:  
Com treda lividez a mãe ao peito afflicto,  
N'um desespero atroz, com ar allucinado,  
A chorar, abraçava um corpo inanimado  
E um rosto sem calor beijava, insana, ardente,  
Sacudio-o, gritava, em estos, doidamente,  
Gemendo, soluçando...

E tudo em vão: na face  
Que ella beijava, agora, e antes que a beijasse,  
Tambem puzera a morte o seu funereo beijo...

—A creança morrêra á voz do brando arpejo,  
E su'alma ao espaço, em doce companhia,  
Subira com os sons da terna melodia...

### IV

No emtanto, o tocador, não vendo-os á janella,  
De prompto retirou a mão da manivella,  
Dispersando o seu gesto os grupos ajuntados...

—Então, erguendo a voz com insolentes brados,  
Emquanto a mãe convulsa o filho morto affaga,  
Com grosseira rudez, gritando, exige a paga!!..

Côrte.

## QUADRO BIBLICO

A ESTEVÃO LEÃO BOURROUL

Rugára-se d'El-Rei a larga fronte augusta,  
E o seu turbado aspecto os cortesãos assusta:

Quem foi o causador do desprazer qu'invade-o?  
—Culpado entréga o collo, algoz prepara o gladio!..

Quem foi? e a medo, a turba em ancias se interroga,  
Enquanto o olhar d'El-Rei em fluidos máus se afoga.

Quem foi?... quem foi?... ninguém: irado El-Rei se mostra,  
Porque tristeza estranha o agarra e enlaça e prostra.

E' noite em seu pensar, é noite agreste e erma,  
Sem astros, sem luar: su'alma acha-se enferma.

Não lhe desbrocha o riso em distracção alguma;  
Tacteia a ideia escura em luctuosa bruma.

De balde o chama o gozo, em vão lhe acena a réza;  
A vida faz-lhe raiva, o sceptro é vil e péza.



Fareja ancioso um riso: é forte, é rei, é nobre,  
E' grande, póde tudo e, emtanto, o não descobre.

Quer resistir do tédio ao lancinante frio  
E nada póde achar: d'ahi seu ar sombrio.

Nada... busca outra vez... ai! nada... Mas, de brando,  
Eis que uns tremulos sons aos poucos vão toando.

Era uma melodia amena, alva, impolluta,  
De rythmo suave: El-Rei detem-se e a escuta.

Em gradual cadencia as palpitantes notas,  
Vão subindo, subindo ás regiões remotas.

El-Rei ouve, e, attento á consonancia vaga,  
Do olhar a chamma irosa a pouco e pouco apaga.

Na fronte lentamente a ruga lhe desfaz-se,  
Emquanto um riso bom, de manso, alegre nasce.

Sereno o arpejo segue e, ao limpido compasso,  
El-Rei a se alegrar já vae traço por traço.

E, emfim, ao sopro ideal da viração sonora  
Faz-lhe inteira explosão a prazenteira aurora.

De todo fôge a névoa: é placido o abandono!  
—Nos braços da alegria olvida a angustia atroz:  
E aquillo que não poudo o ouro a gloria, o throno,  
De prompto o conseguiu de uma harpa a debil vôz.

S. Paulo.—Março—1878



## ESMOLA DOS MORTOS

A ARTHUR BARREIROS

—Foi na quadra infernal da grande epidemia.

Morrera ao pobre cégo—o companheiro e guia,  
E ás tontas elle andava...

Um dia foi parar,  
Perdido não sei como, em ermo tumular,  
E, sem saber que estava em pleno cemiterio,  
Poz-se a invocar, a sós, da caridade o imperio  
Para que alguém á casa o conduzisse. Mas,  
Como éra de suppôr, ninguém, na eterna paz,  
Lhe ponde dar resposta... E o triste repetia,  
Entrecortada a voz de arquejos de agonia,  
A's campas de em redor:

« Oh! tende compaixão!  
E' um velho cégo e enfermo: é um misero ancião  
Que anceia ir-se d'aqui... livrai-o do perigo  
E em vosso lar, por Deus, emfim lhe dai abrigo!...

—Não sei se foi ouvido... Um dia após, porém,  
Com o corpo de um cégo ahi topou alguém!...

Côrte—Novembro—1878.

# DOR INFANTIL

A GUSTAVO FONTOURA

## I

« Dormir, Mamã, eu quero  
E o berço não balanças ;  
Já todas as crianças  
Dormindo, ha muito, estão :  
Só eu debalde espero  
De medo e somno cheio...  
— Foi grande o tal passeio  
Que deu o meu irmão!..

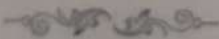
« Coitado! Tão doente,  
Dormio hontem sereno  
E o corpo seu pequeno  
Levado foi então ;  
Chorava toda a gente,  
Mas, se eu o olhava afflicto,  
Diziam : que bonito,  
Socega o teu irmão !

« O ingrato foi-se embora  
E nem fallou commigo,  
Eu sou tão seu amigo  
E espero... espero... em vão;  
Porque tanta demora?  
Sem elle triste eu vivo;  
Mamãi, porque motivo  
Não volta meu irmão? | »

## II

E a mãe, ouvindo aquillo,  
Silente ia chorando  
N'um impeto o apertando  
De encontro ao coração:  
Mas elle, já tranquillo,  
No instante após dormia,  
E, em sonhos bons sorria,  
Quem sabe? ao seu irmão!...

S. Paulo—Agosto—1877



QU

A E

No corpo d  
Enrosca-se

As ondas  
Beijam a se

A vaga que  
Qual vence n

No collo ala  
Desatam um

Na fronte d  
De pingos c

No alveo de  
Cobre da heb

Se acaso a s  
O rio arfa e

Da bella isra  
Respondem do



# QUADRO BIBLICO

A EDUARDO FIGUEIRA DE AGUIAR

No corpo de Suzana a lympa da corrente  
Escarca-se tremendo e em osculo fremente.

As ondas do regato, as ondas do cabelo  
Beijam a soluçar... Quem sabe se é de zelo?!

A vaga quer cubril-a: em volta se avoluma...  
Qual vence na brancura: o corpo ou a nivea espuma?!

No collo alabastrino as aguas sussurrantes  
Desatam um collar de gottas scintillantes.

Na fronte divinal esplendem diademas  
De pingos cujo brilho excede finas gemmas.

No alveo do regato a arêa fina e clara  
Cobre da hebrêa o pé; faz bem: é rica e avara!

Se acaso a seductora o corpo seu mergulha,  
O rio arfa e se alteia... então, triste, marulha.

Da bella israelita aos languidos sorrisos  
Respondem do regato os palpitantes frisos.





Mas eis que de repente, além, d'entre os palmares,  
Lambem-lhe o corpo nã nas lubricas oitares.

Medrosa ella estremece e, chela de recelos,  
Occulta com as mãos os pequeninos seios.

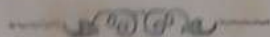
Nas faces o rubor, levada pelo espanto,  
Mergulha e, logo, a vaga envolve-a qual um manto.

Emfim, do banho sãe confusa, amedrontada,  
Levando gottas mil na pelle assetinada.

---

Traduz-se em seu semblante um medo que contrista:  
As vestes vae buscar da plaga entre os abrólhos:  
—Julgando que não vêr tambem é não ser vista,  
Encrusa as mãos no seio e fecha os lindos olhos!

S. Paulo.



Grave

A mã

A cre

E, cu

Curvo  
Do no

# EM FAMILIA

A ARTHUR AZEVEDO

## I

Grave entrei no salão. Cheio de enfado,  
Comprimenta-me o pai;  
A mãe sorri-se e com fingido agrado  
Resmunga um—*como vai?*

## II

A criança, saltando alegre brado,  
Entre os meus braços cáe,  
E, curioso, olhando-me, o creado  
Com tédio lento sáe.

## III

E a filha?... — Nada disse,  
Curvou-se ao longe; mas se o pai ouvisse  
Do nosso mudo olhar a enorme falla,

Por certo apresentára,  
E com estreitas relações ligára...

IV

Meu pobre dorso — á rigida bengala! [...]

S. Paulo — Agosto — 1878.



A T

Longe, so  
Vergel da  
Aos pés  
Tal como  
Deitada m

Feita de  
Vive a se  
E' terra  
Onde a c  
Onde gov

Ahi tudo  
Bello co  
—Brancas  
Puras, co  
As vidas

Ahi tudo  
Ahi fez  
Grandeza  
E ainda  
Nas senda



## A TERRA DOS VULCÕES

A MEU PAI

### I

Longe, sob um azul que eterno o céu habita,  
Vergel da natureza, — esplendida região,  
Aos pés da velha Europa, estende-se, palpita,  
Tal como n'um harém resona a favorita,  
Deitada mollemente ás plantas do Sultão.

Feita de gloria e luz, olympica princeza,  
Vive a scismar, sorrindo, envolta em languidez...  
E' terra do Vesuvio, é patria de Veneza,  
Onde a crença domina e impera a morbidez,  
Onde governa o padre e assalta o Calabrez.

Ahi tudo é febril, phantastico e ameno,  
Bello como a illusão da mocidade em flor:  
—Branças, como o albornóz que veste o sarraceno,  
Puras, como em um lyrio a gotta de sereno,  
As vidas têm mais alma e as almas mais ardor.

Ahi tudo é divino, artistico, sublime;  
Ahi fez o seu ninho a aguia do ideal;  
Grandeza tudo encerra e gloria tudo exprime,  
E ainda se divisa a pégada que imprime  
Nas sendas da existencia o genio divinal.



Em cada pedra um nome, em cada nome um feito,  
Em cada feito um rastro angelico de luz,  
Em cada luz um sol symbolico, perfeito,  
No espaço a rutilar, mais forte que o Directo,  
Fulgente como as leis eternas de Jesus.

Ahi a doce Laura, a bella Fernarina,  
A altiva Eleonôr e a branca Beatriz  
Berdaram a sorrir, com graça peregrina,  
De uma existencia eterna á brisa matutina,  
Do pavilhão do amor o indomito matiz.

O cadaver immenso e inerte do passado  
Que as larvas do olvidar não cessam de roer,  
Da sciencia ao fulgor que anima o inanimado  
E n'um choque fatal, galvanico, arrojado  
Ahi, do pó funereo, altivo se ha de erguer.

Phantastico collar de preciosas gemmas  
Que exorna á velha Europa o collo feminil,  
Diamante collosal possue entre os emblemas,  
Que por si só dá leis aos regios diademas;  
E Roma sempre augusta e heroica e senhoril.

Arca de tradições dos tempos no diluvio,  
Do extincto resplendor ingente mausoleu,  
—Ahi a inspiração esparge, em mar, o efflúvio  
E tervo, ameaçador, satânico o Vesúvio,  
De fogo em turbilhões quer derribar o ceu!

Lucta, e como não vinga os validos intentos,  
Vendo que a lava é fraca,—irado, rubro, audaz,  
Sacode a fundo — o sólo em surdos movimentos,  
Derruba Pantheons,—destroça monumentos  
Esfarpa-os, despedaça, esmaga-os e desfaz.

## II

Bem sei que ao meu palz transborda a claridade,  
Que á Italia não inveja heroicas tradições,  
Que é doce como a crença e o riso da bondade,  
Grande como a sciencia e a voz da liberdade,  
Vasto como a epopéa enorme da Camões,

Ne entanto si ao seismar permitto que domine  
Do meu viver escuro o vortice cruel :  
Uma branda attracção que a mente não define,  
Leva-me a meditar na patria de Rossini  
Dos Bergias, de Colombo, Imperia e Raphael.

Então meu pensamento em extasis divaga,  
Em gondola subtil mē julgo a deslizar,  
E sinto uma impressão divina, estranha e vaga  
Emquanto á luz da lua a onda beija a plaga  
E a plaga empallidece aos beijos do luar...

S. Paulo.—Agosto—1877



# A FELICIDADE

A FONTOURA XAVIER

## I

No carro, ao vir da egreja, em intima expansão,  
Do noivo a noiva ao pé, nas d'elle presa a mão,  
Ia scismando assim :

« Que venturoso dia...  
Meu sonbe, eil-o afinal, ó céos! quanta alegria...  
Quem é que hoje na terra é mais feliz do que eu?... »

## II

—N'isso, o carro parou e o prestito cedeu  
O passo, respeitoso, a um outro. Na janella  
A moça debruçou-se e virginal capella,  
Irmã da sua, o olhar ferio-lhe...

Era, porém,  
No singello caixão d'um funerario trem!!...

Côrte.—Janeiro—1879.



## QUADRO BIBLICO

A J. A. DE OLIVEIRA SANTOS

O aspecto varonil do moço nazareno  
Transpira a robustez que irrompe a cada aceno.

E' chamma o seu olhar: em impetos serpeia:  
O incendio do pavor nas almas rubro ateia.

A coma em ondas cáe; mais densa que as neblinas  
Tem o basto esplendor das comas leoninas.

Com ella brinca o vento e faz com que se estorça:  
Semelha, fluctuante, á flammula da força.

Não ha garbo maior nos pavilhões guerreiros,  
Quando, como a voar, desgrenham-se altaneiros.

Nas veias o vigor circula: o jacto espera,  
Como a lava revel nos seios da cratera.

Ao vel-o, foge a turba, em lividos quebrantos,  
Ouvindo o pio atroz dos mochos dos espantos.



Quem ha que lhe resista? olhai... eil-o convulso;  
De fortaleza um mar rebenta no seu pulso.

Quem ha? alento herculeo o craneo seu occupa...  
O raio é seu irmão, rival a catadupa.

Quem ha? eil-o: que horror!.. quem ha? todos fugindo  
Lá vão... mas, linda moça achega-se: vem rindo.

E' bella como o amor, é fragil como a infancia,  
No entanto, ao vel-a, o heróe aos pés deita a arrogancia.

Humilde, como a ovelha ao gesto da pastora,  
Com timidez vae ter á jovem seductora.

Despio toda a altivez. Não mais gestos protervos...  
Tem o incerto temor dos respeitosos servos.

A bella faz-lhe um gesto e tremulo e offegante  
O heróe lhe estende as mãos com modo supplicante.

No collo seu, emfim, recosta a fronte mansa  
Qual da mãe no regaço a candida creança.

---

E a gotta d'agua o mar com timidez escuta;  
Da briza a tenue voz medroso ouve o trovão;  
Um riso abate um raio, á paz se humilha a lucta  
E um sopro de Dalila escravo faz Samsão!!...

S. Paulo.—Agosto—1877.

## LENDA DE ALDEIA

A ISAIAS DE ALMEIDA

Quando, alvejante, ao longe fluctuava  
Niveo sendal da estrada entre os barrancos,  
Todo o povo da aldeia murmurava  
—Olhai a fada dos vestidos brancos.

\* \*

Gostavam todos d'ella, e quando um dia  
Deus a chamou ao céu, quantos gemidos!..  
—Todo o povo da aldeia a conhecia  
Pelo alvor sepulchral dos seus vestidos.

\* \*

Branqueja em cova escura alvo sudario,  
Se exhala o sino em funebres arrancos:  
—Geme o povo da aldeia em tom nefario:  
Morreu a fada—dos vestidos brancos.

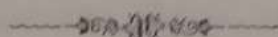
\* \*

O tempo, a perpassar, lembranças finda,  
Factos recentes jazem esquecidos;  
Mas o povo da aldeia—a lembra ainda  
Pelo alvor sepulchral dos seus vestidos.

\* \*

E quando agora, com fulgente alvura  
Brinca o luar do monte pelos flancos,  
Treme o povo da aldeia e a sós murmura:  
E' ella... a fada dos vestidos brancos.

S. Paulo.—Junho—1876.



Havia  
Tinha  
E uma

Havia  
Leve  
—Ao

Mas, a his  
Tem sons  
—Ambos t  
P

S. Paulo

## NOCTURNO

(PARAPHRASE)

### I

Havia um velho rei: encanecida  
Tinha a cabeça e exausto o coração...  
E uma linda mulher, cheia de vida,  
Eis que esposa o ancião.

Havia um bello pagem: loiro, tinha  
Leve a cabeça e o coração também:  
—Ao vestido de seda da rainha  
Elle a cauda sustém.

### II

. . . . .

### III

Mas, a historia é vulgar: sabeis-lhe o enredo,  
Tem sons maviosos, tem sentidos ais;  
—Ambos tiveram de morrer bem cedo  
Por amarem de mais!...

S. Paulo.—Setembro—1877.



## LENDA DO CLAUSTRO

### I

Soturno era o viver da pobre freira  
No claustro merencorio e legendario:  
Passara os dias da existencia inteira  
Beijando a eburnea cruz do escapulario.

As pet'las lhe esfolhara da belleza  
O rijo sopro dos simouns da sorte,  
Nos crepes se embuçara da tristeza,  
Passando a vida nos umbraes da morte.

Mas, quando soluçava nas arcadas  
Do orgão da capella a melodia,  
Brincava-lhe nas faces descoradas  
Fugitivo clarão d'alma alegria.

E quando, após, na prece fervorosa  
Os acordes bebia embevecida,  
Tinha no rosto uma expressão ditosa,  
Antecipada luz da etherea vida.

## II

Um dia foi achada agonisante  
Na cella sepulchral... quasi expirava,  
Mas, mesmo assim, sorrindo, palpitante,  
Os vagos sons longinquos escutava.

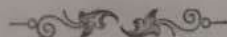
Depois... tocava ainda o instrumento  
Quando a puzeram no sepulchro frio;  
—Pallida e morta, seu ouvido attento,  
Quem sabe inda escutava o tom sombrio?!....

. . . . .

## III

E, quando agora o orgão da capella  
Disfere o canto de pezar infindo,  
Um echo estranho, na mudez da cella,  
Gemendo, os lentos sons vai repetindo!!..

S. Paulo.—Agosto—1876.



## POEMA

A

No m  
Meu t  
Como  
Dorme

N'elle  
Jaz o  
—Ai  
Quand

Era  
Que  
Dos  
Da m

Mas  
Deu-l  
—An  
Nunc

# POEMA DE TODOS NÓS

A ARTHUR DE OLIVEIRA

## I

No meu peito se balança  
Meu traquinas coração,  
Como o berço em que a creança  
Dorme aos sons de uma canção:

N'elle, envolto em scismas puras,  
Jaz o amor a dormir;  
—Ai! que lindas travessuras  
Quando alguém o despertar!

## II

Era um dia um pobre cégo  
Que vivia a mendigar,  
Dos negrumes sobre o pégo,  
Da miséria em pleno mar.

Mas alguém, com meigo trato,  
Deu-lhe a luz... Que gratidão...  
—Ama-a, pois, porquanto ingrato  
Nunca foste, ó coração.

### III

Quando as aves fugitivas  
Vão do azul brotando á face,  
Como esparsas flores vivas  
D'um jardim que se animasse,

Sinto, ao vel-as tão canóras,  
Do ciúme o acerbo espinho,  
Pois que muitas tem seu ninho  
Sobre a casa em que tu moras.

### IV

« Hoje um moço (esta noticia  
Veio, ha dias, n'um jornal)  
— Foi retido na policia  
Porque em si, tinha um punhal. »

O perigo de ser preza  
Corres tu tambem... ó Deus!  
— Se a policia, por surpresa,  
Vir de perto os olhos teus.

### V

Quando as moças vão á festa  
Levam joias de valia:  
Cada qual zelosa apresta  
Mais fulgor, mais pedraria.

Mas do amor á festa ovante,  
Sem pulseiras, sem collares,  
Foi minh'alma a triumphante  
Só levando os teus olhares.



## VI

Quando alguém nos bate á porta,  
Cumpre abrir logo á porfia:  
—Não fazel-o é feio, e importa  
N'uma atroz descortezia.

—Meu olhar te busca e entrada  
No portal não se lhe deixa;  
Venho, pois, fazer-te queixa  
Da cortina indelicada.

## VII

Todo o mundo diz que o dia  
Com a noite alterna, e dura  
Tanto tempo a treva escura  
Como a luz que o sol radia.

Eu, porém, que, sem demoras,  
Para ver-te instantes, lucto,  
—Tenho noites de cem horas,  
Tenho dias de um minuto!

## VIII

No momento da partida  
Por milagre eu não morri...  
Si tu eras minha vida  
Como, pois, viver sem ti?!...

Hoje, á lei de dupla ausencia,  
Sem cessar lembrando estou,  
Não só tu, flor de innocencia,  
Mas min'halma que ficou.

## IX

Quem recebe em pleno peito  
Flecha hervada,—embóra fórte,  
Logo em terra cae desfeito,  
N'um momento o arrasta a mórté.

Eu, porem, luz que me abrazas,  
Vi que tenho alento infindo,  
Pois sorri-me até ouvindo  
Que estás noiva e breve casas.

## X

Houve um rei,—caso inaudito  
Da legenda nos—annaes—  
Que quiz ver, em vida, o rito  
Dos seus proprios funeraes.

Sou plebeu, mas caprichoso  
Vou além do grande rei,  
Pois a dar mostras de gozo  
Teu consorcio assistirei.

## XI

Não te servem meus carinhos,  
Teu desejo os de outro quiz;  
Rasga, pois, em pedacinhos  
Os cantares que eu te fiz.

Todos são na magua immersos;  
Rasga-os, pois: licença eu dou...  
—Faze o mesmo aos pobres versos  
Que ao pensar que os alentou!

Côrte.—Novembro—1877.

A  
A THE

Ao pé d'uma vidraça e  
Lambendo com o olhar,  
E os bordados subteis da  
—Que esplendida *vitru*  
Na forma, na feição, no  
Era o sonhar em prata  
Chiméras de coral, capi  
Scismares de esmeralda  
Um mimo tentador, um  
De um conto oriental..

A creança lançava alto  
Ao panorama e á mãe  
Se o maternal amor na  
Quanto desejo atroz ia  
A eloquente mudez da  
Os olhos embebeu, com  
Dos lavôres da joia e  
Tal como a mariposa a

# A JOIA

A THEOPHILO DIAS

## I

Ao pé d'uma vidraça estavam mãe e filho,  
Lambendo com o olhar, todo cubiça, o brilho  
E os bordados subtis das joias de lavor...  
—Que esplendida *vitrine*! Excentrico primôr  
Na forma, na feição, no cinzelado havia:  
Era o sonhar em prata, em ouro a phantasia,  
Chiméras de coral, caprichos de rubim,  
Scismares de esmeralda e perolas; emfim  
Um mimo tentador, uma visão tirada  
De um conto oriental...

## II

—Em extasis, pasmada,  
A creança lançava alternativo olhar  
Ao panorama e á mãe, incerta, a interrogar  
Se o maternal amor não entendera ainda  
Quanto desejo atroz ia-lhe n'alma. Finda  
A eloquente mudez da supplica, outra vez  
Os olhos embebeu, com lenta maciez,  
Dos lavôres da joia e morbida, attrahida,  
Tal como a mariposa á lampada accendida,



Sentio a pouco e pouco ir-se tornando audaz...  
—Resolveu-se por fim e, sem conter-se mais,  
N'um subitaneo arrojo, a voz erguendo, disse  
N'uma falla de mel e celica meiguice  
Em tom de imploração:

« Mamã, vou-lhe pedir  
Um immenso favôr... » — A mãe poz-se a sorrir  
E — dize — respondeu. — Mas faz? replicou elle  
— Faço — Faz mesmo? — Sim... — « Pois bem não vê aquelle  
Formoso camapheu que ali fulgindo está?  
— Pois quero-o muito... e muito... e quem promette, dá  
Por isso... » Mas a mãe interrompeo-lhe a phrase,  
Fitou-lhe o trajo roto e, soluçando quasi,  
« Aquelle não, tornou, mas outro que tambem  
É lindo e vale mais... » — Qual é?...  
— Ora ahi, tem:  
E assentou-lhe na testa um prolongado beijo!...

### III

A creança entendeu... Sumiu-se-lhe o desejo  
E rindo retorquio:

« — Si assim tão rica está  
Quero mais um collar e um adereço já » !!.

S. Paulo. — 1879.



## NA FAZENDA

A SEVERINO PRESTES

Dorme a fazenda. Uniformes  
Com seu inclinado tecto,  
Tem as senzallas o aspecto  
D'um bando d'aves enormes.

Os cães, no pateo encoberto,  
Repousam de orelha erguida:  
—São como oasis de vida  
Da escuridão no deserto.

De vagos tons a enfiada  
Com o torpor lucha e vence-o:  
—E' no burel do silencio  
Franja sonora bordada.

A's vezes da porta estreita  
Sae um chorar de creança,  
Chamando a mãe que descança  
Morta do affan da colheita.

Talvez o infantil assombro  
Já lhe debuxe mais tarde:  
—O eito emquanto o sol arde  
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,  
Geme a creança um momento  
E, a pouco e pouco, em lamento  
Se extingue o isolado anseio.

Ao longe o campo estendido  
Tredo, com ar sobranceiro,  
Lembra um prostrado guerreiro  
Da cota d'armas vestido.

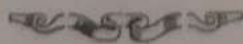
Ao lado reluz a linha  
Da extensa, alvacenta estrada,  
Tal como a folha da espada  
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova,  
No lar azul das esferas,  
De nuvens que lembram féras  
Como um reptil sae da cóva:

—Ondula no espaço o fumo  
D'algum incendio invisivel.,.  
—Chóra a creança... Impassivel  
Prosegue a noite em seu rumo.

Parahyba do Sul.

1878—Dezembro.



TRIE

A T

Ao ver-te, h  
Ao pallôr do  
Senti-me ton  
Com a vista

E, como em  
No seio a m  
Com a sêde  
Que encontr

Já viste, á  
Gyrando en  
—Meus des

Depois...  
Lembran  
Crestar

# TRIBUTO ETERNO

A THOMAZ ALVES FILHO

## I

Ao ver-te, hontem á noite, decotada,  
Ao pallôr do teu seio descoberto,  
Senti-me tonto e da vertigem perto,  
Com a vista indecisa e deslumbrada.

E, como em lactea fonte perfumada,  
No seio a morbidez bebi-te incerto,  
Com a sêde do filho do deserto  
Que encontra enfim a lymphá suspirada.

Já viste, á roda das nevadas flores,  
Gyrando em turma insectos zumbidores?...  
—Meus desejos então eram assim...

Depois... fechei os olhos de repente  
Lembrando que o olhar, de tão ardente,  
Crestar podia a cutis de setim!..



## II

Ella ás vezes nas rendas da mantilha,  
Com a molle altivez das hespanholas,  
Moldura o rosto branco e airosa trilha  
Como a ouvir brandos sons de castanholas.

Reveste um ar que, nobre, maravilha,  
Recorda o doce olôr d'alvas coróllas,  
E muito orgulho, sei, então se humilha  
Pedindo luz, como quem pede esmolás.

As franjas dão-lhe á face uns tons tremidos,  
E os olhos, ai!—parecem dois bandidos,  
Armados de punhaes de brilho ardente,

Que, negros, entre as moitas de erma estrada,  
Com seus *sombreros*, ficam de emboscada  
Para assaltar o coração da gente!!

## III

Para exprimir-lhe a graça imaginaria  
Fôra mister formassem aurea liga  
A palheta, o cinzel e a fórma varia  
Que surge vaga aos sons d'uma cantiga.

Fosse o seu ninho, pomba, a Grecia antiga  
Seu templo, deusa, a Roma legendaria  
E o seu primor guardara a estatuaria  
E a crença—Venus lhe fizera amiga.

Que inspirações alli... quanto modelo  
Mas ai! a execução sinto, ao dizel-o,  
Cahira ante barreira não prevista;

Porquanto, no v  
Chórara o artis  
Mas vira o am

Encarei as est  
Que lívidas tro  
Como um band  
Saindo de uma

E disse: « l  
D'algun thron  
Vinde: eu qu  
Dispersos ao

De vós que s  
D'algun deus  
Que a moral

Onde as côrt  
Rendam prei  
A's graças i

Jaz meu ar  
Dorme a se  
Verga-lhe  
E a voz da



Porquanto, ao ver-lhe a fôrma inebriante,  
Chórara o artista por lhe ser amante,  
Mas vira o amante quanto é fraco o artista!

#### IV

Encarei as estrellas macilentas  
Que lívidas tremiam nos espaços,  
Como um bando de Imperias vinolentas  
Saindo de uma orgia de devassos;

E disse: « luminosos estilhaços  
D'algum throno de fadas opulentas,  
Vinde: eu quero ajuntar esses pedaços  
Dispersos ao capricho das tormentas.

De vós que sós restais do vasto espolio  
D'algum deus que fallio farei um solio  
Que a moral de Jesus mais deslumbrante,

Onde as côrtes do céu, entre mil bravos,  
Rendam preitos, humildes como escravos,  
A's graças infernaes da minh'amante.

#### V

. . . . .

#### VI

Jaz meu amor n'um pelago sepulto,  
Dorme a sonhar em morbido lethargo;  
Verga-lhe o peito exausto o peso amargo  
E a voz das vagas tem-lhe uns tons de insulto...

Moço, eu lhe dera a febre do meu culto,  
Crente, de erguel-o me impuzera o encargo,  
E agora o abysmo é fundo, o abysmo é largo  
E o meu amor no abysmo jaz occulto.

Quando, á flôr d'agoa, o triste a fronte empina,  
Os astros vão, como aves de rapina,  
Garras de luz nos flancos lhe fincar:

Pendem-lhe as fibras sem vigor, inermes,  
E em roda as ondas fervem, como vermes,  
Sobre um defunto, em ermo tumular!

Côrte—1878.



Era o templo  
A valida ru  
Onde a forn  
Qual um nin

Bebiam n'ell  
Que dava a  
—Que ás m  
Como a alm

A' fulva luz  
Rangia o fe  
Erão vozes  
Ovações de

. . . .

No inanimac  
Ageis esfor  
E o homem  
Como um re

# A OFFICINA

A MARIO

## I

Era o templo da industria onde imperava  
A valida rudez que a força acclama;  
Onde a fornalha, ao fundo, fervilhava  
Qual um ninho de viboras de chamma.

Bebiam n'ella as machinas o alento  
Que dava aos ferros, musculos e arteria,  
—Que ás molas imprimia o movimento  
Como a alma fecunda da materia.

A' fulva luz as rodas se moviam,  
Rangia o ferro e retumbava o malho:  
Erão vozes cyclopicas: dir-se-hiam  
Ovações de Titans ao deus—Trabalho!!.

. . . . .

## II

No inanimado em turbilhões ha vida,  
Ageis esforços nas pesadas maças,  
E o homem calmo assiste á enorme lida  
Como um rei popular nas cheias praças.



Tem rijo aspecto e um ar tão sobranceiro  
De quem cumpre um dever e um erro abate,  
Que mais parece intrepido guerreiro  
Inda a offegar de asperrimo combate.

O malho vae, em golpes incessantes,  
Batendo a dura chapa até que lustre-a:  
Solta um collar de chispas fulgurantes  
Que são estrellas para os céos da industria.

Dir-se-hia ouvindo o estrepito tremendo,  
Que da justiça ao brado dos direitos,  
Ruia emfim, n'um cataclysmo horrendo,  
Toda a infernal legião dos preconceitos.

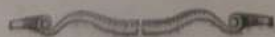
Estruge, certo, assim—a grita immensa  
N'um fervido motim, de luz possesso,  
Quando, heroico, ao luar de nova crença,  
Sôa o clangor da tuba do progresso.

Os pincaros do céu fumaça escura  
Mensageira, vingava: ia contando  
A's officinas lucidas da altura  
Que um mundo irmão, com ellas vae luctando...

### III

Nos halitos da chamma o ardor havia  
De uns calidos tufões de claridade:  
—Era o calor que hade animar um dia  
O corpo são da nova humanidade!!...

S. Paulo.



NO INTIM

AO DR. MESQUITA

São horas de jantar: a indecil  
que tanto quer provar, emfim ei  
A mãe a cada um já deu o seu  
E não sentar-se, pois, cansada d  
Não falta mais ninguém, excl

Porém n'esse momento, alguem  
Parece devagar. Erguendo-se  
Nora prate ella faz, com toda  
E, apoz, dá sob a meza as ca  
A um pequenino cão que anc

S. Paulo.—1878.



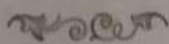
## NO INTIMO

AO DR. MESQUITA BARROS

São horas de jantar: a indocil creançada,  
Que tudo quer provar, emfim eis contentada.  
A mãe a cada um já deu o seu quinhão  
E vai sentar-se, pois, cansada da missão:  
« Não falta mais ninguém, exclama, estão servidos...

Porem n'esse momento, alguém pelos vestidos  
Puxou-a devagar. Erguendo-se outra vez  
Novo prato ella faz, com toda a placidez,  
E, apoz, dá sob a meza as carnes que tempera  
A um pequenino cão que ancioso estava á espera...

S. Paulo.—1878.



# CRUZADAS

A MANHÃES DE CAMPOS

## I

Foi isto em éras mortas...

—De castello em castello ouvio-se um dia  
Um brado colossal:

—Era a Europa christan que enfim se erguia;  
Tremendo em sancto ardor transpunha as portas  
Da plaga oriental!

Cessaram as discordias e as contendas;  
Povos e reis, vassallos e monarchas,  
Tudo ergueu-se ao clangor...

Iam ter ao paiz dos patriarchas  
Da Libya ardente percorrer as sendas,  
Salvar o Salvador.

Vogavam pelo ar fluidos ferozes;  
Transluzia febril furia insensata,  
No homem, na mulher:  
E o monte, o valle, o campo, a brenha, a matta,  
De um côro enorme reflectindo as vozes,  
Diziam: *Deus o quer!*...

« Traz-me as riquezas dos palacios mouros »  
Suspirava a donzella lacrimante  
Ao brioso donzel :

— Elle ao peito apertava a linda amante,  
Beijava a furto os seus cabellos louros,  
Fustigava o corcel.

N'um mar de brilho esplende o escudo, a lança;  
Os fegosos corceis o solo escarvam,  
Sangrento assoma o sol :

— Movem-se os turbilhões que álem levavam,  
Por arma o entusiasmo e uma esperança  
Por unico pharol.

« Filho onde vaes ? — Bem longe, á Palestina...  
— Abandonas o lar ? — Vou da heresia  
Livrar Jerusalem...

— E' penosa a jornada ? Deus nos guia...  
— Quem nos hade amparar ? — Crença divina...  
— E as mãis iam tambem.

Prosegue a multidão ! E' tudo ameno...  
Sorri-lhe o fanatismo que fervente,  
No principio a conduz ;  
O fim é nobre : para a terra crente,  
Vão transplantar do solo sarraceno  
A arvore da cruz !

.....  
Mas, desgraça cruel ! Breve, ao cançasso  
Mal podem resistir os mais rebustos  
Que vacillam no pó :  
Em bandos fulvos areiaes adustos,  
Envolvem todos n'um febril abraço  
Que os soffoca sem dó...

Nis a fome e os phantasmas dos receios...  
E os agudos punhaes que elles manejam  
Rasgando os seios vão:  
Ao fulgor dos coriscos que lampejam,  
Tambem com seus punhaes rasgando os seios  
Da espessa escuridão.

« Tenho sede, soluça o exausto infante—  
—Não ha orvalho ou fonte, a mãe murmura,  
Mas lagrimas te dou...  
E debalde chorar a mãe procura:  
Do sol de fogo o raio coruscante  
Té os prantos seccou!..

Catastrophe fatal! os mussulmanos  
Nem poudé a immensa turba na batalha  
Peito a peito encontrar:  
Envolta das areias na mortalha,  
Do deserto nos vastos oceanos  
Tombou sem pelear.

Era o seu fim tomar a mãos armadas,  
Os filhos do deserto exterminando,  
Do Christo o mausoléo,  
Mas o deserto ergueu-se e os abarcando,  
« Temerarios, bradou, vossas ossadas  
Serão o meu trophéo!! »

## II

Cruzados do moderno Vaticano,  
De nós a quem chamais filhos do erro  
Jesus tirar quereis:  
Cuidado! que bem póde em vosso enterro  
Tornar-se a empreza de furor insano  
Que contra nós moveis...



Em nossa consciencia elle repousa,  
Recebendo nas aras do respeito  
Convencida oblação:  
Procuramos seguir-lhe o são preceito  
E gravados achamos-lhe na louza  
Os dogmas da razão.

Vinde! deserto immenso nos separa;  
Vós em furia almejais morte, extermínio  
De todos... todos nós;  
Protege-nos, porem, o raciocínio  
Que irá como as areias do Sahara  
Envolver-vos atroz.

Vinde, armados da vossa intolerancia,  
Que a critica fatal, rija, invencivel  
Ha de logo se erguer:  
Vos abarcando n'um enlace horrivel,  
Aos sopros da razão, tanta arrogancia  
No abysmo ha de abater.

Quereis um Christo altivo e sem clemencia,  
Tervo, sombrio, a contemplar do inferno  
O horrido estertor;  
Nós, os máus, o queremos doce, terno,  
Tendo por throno a humana consciencia,  
Pregando a paz e o amor!!

S. Paulo.—1876.

A um can

De quando

O jogo er

—Sem est

Mas subit

Julgaste

« Como pe

—Mais an

## NO JOGO

A AVELINO PINHO

A um canto do salão jogavamos um dia,  
De todo a sós:  
De quando em vez somente um threno bom se ouvia:  
A tua vóz.

O jogo era o xadrez e nunca em minha vida  
Joguei tão mal:  
—Sem esforço nenhum ganhavas a partida  
E era a final.

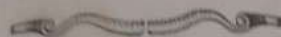
Mas subito sorri e após « *xaque á rainha* »  
Ledo bradei;  
Julgaste algum gracejo aquella phrase minha:  
Audaz te olhei.

« Como pensa em ganhar, disseste ingenuamente,  
Se vae perder »  
—Mais ardente fitei-te e respondi sómente,  
« Como vae ver... »

Voeu o taboleiro e n'um abraço á espera  
Eu te cingi:  
—A' rainha do jogo o *xaque* meu não era  
Porem a ti.

. . . . .  
E ganhei... Mas, se agora um jogo de tal sorte  
Quero outra vez,  
Dizes: « não; o senhor é muito... muito forte...  
No seu xadrez!... »

S. Paulo.—1877.



# NA QUARESMA

A OLIVEIRA BRAGA JUNIOR

## I

« Estamos na quaresma... Urge, portanto,  
Que, irmãos, vos confesseis :  
Quem fôge á confissão pecca, porquanto  
Da egreja offende as leis. »

## II

O vigario, domingo, assim fallava  
Na predica usual ;  
E a turba dos beatos o escutava  
Com ar sentimental.

Ouvindo aquella phrase, a ti, menina,  
Que oravas com fervor,  
Cheguei-me e murmurei :—« pomba divina  
Tu és o meu amor »

« Que peccado!... exclamaste, e, malfaseja,  
Prostrou-te a commoção :  
Mas, baixo, eu repeti :



III

« Offende a egreja  
Quem foge á confissão ! »

S. Paulo,—1878.



## Os Successores de Meneláu

A VALENTIM MAGALHÃES

### I

Na carta perfumada  
Havia maciezas de setim;  
A lettra era de moça, delicada,  
E terminava assim:

« Vem, meu amor... Espero-te sem falta  
Das dez ás dez e meia, attende bem :  
Já da paixão o ardor me sobressalta  
Oh! vem, meu anjo, vem...  
Meu hirsuto marido, velho intonso,  
Já, burguez, dorme então... Ninguém nos vê...  
Accede aos meus desejos  
Não faltes, meu Affonso,  
E acceta trinta beijos  
Da tua amada — G. »

### II

Fui... a noite era negra e eu vi fulgores...  
— Mas, oh! quantos rubores

Vou com estas palavras despertar  
Peço perdão a Vossas Excellencias  
E emprego reticencias  
Embora a meu pezar.

. . . . .

Se o *veni, vidi, vici*  
Do general romano  
Teyo algum dia cabimento ufano  
Foi... vejam lá pelo que acima eu disse!!.

### III

Abrevio, porem : no mesmo dia,  
Cuja lembrança faz com que eu palpite,  
Recebi um convite  
Para uma festa que de noite havia :  
Deitei luva de cor, casaca preta  
E apresentei-me, cheio de alegria  
A' hora de etiqueta.

Ao entrar, um burguez meu velho amigo  
Veio fallar-me e me levou comsigo  
Para mostrar-me, a mim, o amigo seu,  
A'quella que bem pouco então havia  
Com mil venturas candida o prendia  
Nos laços do hymneo.

Era, em verdade, um sonho de belleza  
Mas, horrida surpresa !  
—Reconheci na moça a mesma que  
Em horas de incerteza,  
Na minha carta se assignara G.

. . . . .

IV

Olhou-me indifferente,  
Sem pejo nem assombro,  
Qual se nunca o meu rosto visto houvera...  
Entretanto o bom burguez, todo contente,  
Batendo-me no hombro,  
Dizia-me: « o que espera  
Que não saúda o estrella  
Da qual eu sou o afortunado esposo ?

Então curvei-me sem temor ao vel-a,  
Dizendo respeitoso :

V

Tive um prazer extremo ao conhecel-a.

Côrte,—1877.



## A FILHA DA PAZ

A ASSIS BRAZIL

### I

Foi um dia de festa em todo o povoado  
Quando voltou, enfim, invalido o soldado  
Que, tres annos havia, abandonando o lar,  
Partira para a guerra afim de se alistar  
Nos batalhões hostis que, em triplice alliança,  
Batiam de Solano a intrepida pujança.  
O sino repicava. Innumeros rojões  
Propagavam no espaço o som das orações.  
No povo havia febre. As lojas se fechavam :  
Nas janellas o lenço as moças agitavam ;  
As ruas percorria a banda marcial  
Tocando enthusiasmada o hymno nacional ;  
Mil vivas dava a turba a Ozorio, o legendario,  
E, em delirio, acclamava o heroico voluntario  
Cujo regresso á villa, enchia-a de altivez.

Só elle estava triste e mesmo contrafez  
O bronzeado rosto, ao vêr, findado o rumo,  
Erguer-se, inda em distancia, enovelado o fumo  
Do seu humilde albergue onde, entretanto, a sós,  
Esperava-o a mãe, de ha muito, em ancia atróz.

Caminhou com o passo um tanto lento e, quando,  
Entre os vivas febris que o iam festejando,  
Poude á velha beijar a encarquilhada mão,  
Se alguém lhe examinasse, ao perto, a commoção,  
Havia de notar-lhe alguma cousa estranha,  
Um pezar, uma dor que subito se assanha,  
Uma agonia vaga, uma afflicção qualquer.

Na casa não mudara uma feição siquer ;  
Achava tudo o mesmo : o tamborete manco,  
A meza carunchosa, ao lado o antigo banco,  
Na parede um registro, um baço espelho ao pé,  
Na cozinha a lareira a fumegar e até  
Ao longe, no quintal, pela entre-aberta porta,  
D'entre a vegetação vivissima da horta,  
Que lacerava a terra em impetos brutaes,  
Mollemente espojando os pellos sensuaes,  
—Um velho gato amigo, em indistincto aneio,  
Como que a se lembrar, desconfiado a meio,  
Cravando-lhe indeciso o pardo olhar subtil.

Recordações crueis lhe vinham vindo ás mil...

Revia toda a paz de uma existencia calma  
Depois de haver, além, convulsionado a alma,  
Vivendo com a morte ao lado. De tropel  
Surgiam-lhe as visões saudosas do quartel.  
Era uma anthithese atroz!... Não mais socego amigo!..  
Amava as commoções, gostava do perigo,  
Dos rufos do tambor, dos toques do clarim,  
Das marchas, dos canhões, do acampamento emfim.  
E, agora, a vida quieta, apathica, fagueira,  
Não lhe quadrando mais á ideia aventureira,  
Matava-lhe a ambição, ia apagar-lhe a luz,  
Pregal-o moço e forte em uma ignota cruz,  
Mostrando-lhe o caminho austéro da desgraça...

Por isso, junto á mãe, em attitude lassa,  
Distrahido, a seismar, ouvia com desdena,  
Os rudes aldeãos em cujos parabens,  
Via inteiro o rigôr da atroz realidade.  
Voltara grande, illustre e celebre, é verdade,  
Para o torrão natal que nelle via o heroe  
Que não tinha no mundo um só rival. Mas, dóe  
Ter assim de trocar esplendidos futuros  
Pela inercia fatal dos pantanos escuros!

E, pois, ferviam nelle angustias infernaes  
Emquanto ao povo o ardor subia mais e mais.

## II

Quando, da festa extincta ao derradeiro alento,  
Vio-se o soldado a sós, n'um sordido aposento,  
De cujo aspecto honrado a calma e a mansidão,  
Realçavam de em torno a inteira solidão,  
Sentio-se mal e logo uma tristeza immensa  
Fez-lhe n'alma o seu ninho horripilante.

Densa,

Como as trévas de alem, sentio no imaginar  
De nuvens sepulchraes a noite se formar  
Da qual cahiam já desanimos complétos...

Não mais da lucta o fogo e os turbilhões dilectos,  
Mas o socego vil de um existir boçal,  
Sem alma, sem acção, estúpido, banal,  
Replecto de afflicções, monotono, sem gloria,  
Egual ao do burguez em cuja parva historia,  
Só palpita a ambição do physico prazer,  
Que horrendo despenhar!... Melhor fôra morrer,



No campo de batalha, á sombra do estandarte,  
Quando, já do inimigo em terra o baluarte,  
Sua altiva a trombeta, em retumbantes sons,  
Nas almas a entornar da gloria os fluidos bons;  
Quando a morte nos abre os porticos da fama,  
Por nós no templo atea immorredoura chamma  
E o brado de triumpho o ultimo estertôr.

Mas qual! tinha de ser de novo o lavrador  
Que, á terra má pedindo o pão quotidiano,  
Gastasse a força e a vida em trabalhar insano,  
Vivendo á lei da sorte exanime e servil...

Passa depressa a fama e no invejoso ardil  
Da intriga e da calunnia em breve cahiria!...

Quanta vez da miseria á gargalhada fria,  
Choraria o infeliz e, invalido, talvez,  
Quem sabe si mais tarde, em improbo revez,  
Nas ruas se arrastando, immundo, deleterio,  
Teria de invocar da compaixão o imperio  
Para que alguém lhe dêsse um negro pão?!.

Oh! sim!

Era feita de tréva a senda em cujo fim,  
Aquelle que, de perto, a gloria havia olhado,  
Depois de tanta luz e tanto alvôr sonhado,  
Depois de haver subido ao pincaro em que o sol  
Nos espelha no olhar olympico arrebol,  
Com purpura brilhante e esplendida corôa,  
Tinha de andar ahí, como uma cousa atôa,  
Morrendo, como um cão, na enxerga do hospital!!



### III

Elle cedia, pois, á commoção fatal !

Vendo em terra, desfeito, o imaginado throno,  
No leito a revolver-se, em ancia atroz, sem somno,  
Ergueu-se e foi buscar a um canto a espada audaz  
E abraçou-a, tal como a velho amigo...

Mas,

No movimento brusco, a lamina cortante,  
Caindo-lhe a bainha, o peito nú do amante  
Fundo ferio sem dó...

—Tristissima expressão

Ao rosto lhe assomou : arremessou-a ao chão,  
Repleto do amargor de acerbo desencanto...  
Pela face rolou-lhe então em fio o pranto  
Vendo como se achava inteiramente só,  
Pois a crença final tornara-se-lhe em pó.

—Pois que ! só lhe restava aquella companheira  
Do buliçoso ardor d'uma existencia inteira ;  
Com ella tinha estado em afflicções crueis :  
Ella ahi lhe sentira as pulsações fieis  
D'um coração affeito aos bellicos transportes  
Que, sorrindo, affrontara o gladio de mil mortes,  
Mostrando em toda parte indomito valôr,  
Reservando-lhe sempre um respeitoso amôr,  
—E agora que, infeliz, elle ia ter a ella  
Para, amigo, implorar-lhe um balsamo á procella,  
Que perto vinha já, a ingrata, sem ouvir,  
Aquella immensa dôr, sem pena de o ferir,

Quando elle ia abraçá-la, incauto, em confiança,  
Não buscava atear-lhe o lume da esperança  
Mas, covarde homicida, o assassinava...

Horror!!

#### IV

Mais tervo então rugio-lhe o pelago traidôr...

Meu Deus, dizia o triste, é negro o meu fadario;  
Sem rumo, sem pharol, exangue, solitario,  
Quem me entenda senhôr, não vejo mais ninguém...  
Quem o passo me ampare, ó ceos, quem tenho? quem?  
Que amigo mais sorri-me e que afeição me resta  
N'este convulso mar?!... »

N'isto, por uma fresta

Entrou no quarto o alvor tranquillo da manhã;  
E, a luz delle, o soldado, ouvindo ao longe o affan  
Do despertar de um nucleo activo de trabalho,  
Vio a um canto, isolada, humilde como a um ralho  
Um doce e ingenuo amigo, e, supplice a brilhar,  
Na muda indagação de imploradôr olhar,  
N'uma postura triste,— immovel, atirada,  
Uma afeição de outróra: a sua velha enxada!

S. Paulo. —1879.

## PONTO FINAL

AOS MEUS AMIGOS

### I

Eu já tive nas mãos os bandolins antigos,  
Vibrando os froixos sons romanticos dos bardos,  
Mas hoje, ó meos amigos,  
A lyra que me agrada  
Allia ao resplendor cortante de uma espada  
As finas vibrações aligeras dos dardos.

Não mais nos versos meus a imagem das amantes...  
—Ninguém se curva, em luta, ás tentações do amor  
E eu sinto um novo arrojo em estos flammejantes...  
—Adeus, visões de outr'ora...— A' liça, luctador!!...

### II

Eu quero ter agora estrophes explosivas,  
Quero ruir no pó os velhos edificios,  
E quero contra os reis, e os arraigados vicios,  
Uns impetos fataes de estranhas tentativas.

Emquanto não puder metreficar cratéras,  
Emquanto não rimar as lavas e os vulcões,  
Emquanto não buscar nos musculos das fêras  
O elastico vigor de homericas canções;



Enquanto não puder robustecer a lyra,  
Carregando a expressão com polvora de phrases;  
Tornando-lhe, de prompto, as ruínas de Palmyra  
Num foco de tufões vulcanicos e audazes;

—Vós me vereis passar acabrunhado e mudo,  
Fitando torvo o céu que o meu rancor impréca;  
—Não me turbeis então... Eu, concentrado, estudo  
Como um dia soltar, ovantemente, o *euréka*.

E se acaso chegar do desencanto ás bordas,  
Só colhendo os desdens da sociedade futil,  
O' lyra, ouve-me bem: quebrar-te-hei as cordas,  
Frio, como quem parte impuro vaso inutil.

E sabeis porque assim raivoso eu me concentro?  
Perque não mais attendo ao lyrico reclamo:  
—Paixão voraz, ó céos! arrebentou-me dentro  
E eu amo, eu amo, eu amo!!...

### III

. . . . .

### IV

Adoro uma visão de magestade angusta,  
Cuja voz de heroína aos soes da fama incita...  
—O fecundo calor dos tropicos lhe agita  
O seio alentador de geração robusta.

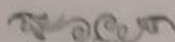
E' tanto o seu poder que, de sublime, assusta...  
No craneo seo de Lelia a fortaleza habita  
E a devisa da cruz alem flammeja escripta,  
No emblema que, no espaço, o astro-rei lhe incrusta.



Para ajuntar-lhe assim constellações de encantos,  
O assombro e a maravilha, em desvarios sanctos,  
Ligaram-se no sol... Quem, pois, não idolatre-a?...

Metropole ideal de inspirações supremas,  
—Sonho a gloria de os pés ungir-te com poemas,  
O' tu que és minha mãe e minha amante, O' PATRIA!!

S. Paulo,—Maio—1879.



## LEIA-SE

QUADRO BIBLICO (pag. 13)

Alfredo de Vigny tem uma poesia cujo assumpto é extrahido dos mesmos textos biblicos que a minha. Differem ellas na interpretação do pensamento geral e no respectivo desenlace. Reléva observar que só li a composição alludida, depois de haver publicado em diversos periodicos o meu *Quadro Biblico*.

QUADRO BIBLICO (pag. 32).

Dedicando esta producção a Eduardo Figueira de Aguiar, procurei saldar uma divida de amizade e de gratidão. Eduardo Figueira de Aguiar é um nome pouco citado na litteratura academica. Representa, no entanto, uma individualidade que, a dar leis o merito, deveria occupar, na vanguarda, os postos de mais honraria.

Perde-o, porém, a excessiva modestia, que, alliada a uma intelligencia superior e a um caracter de independencia inamolgavel, constituem-lhe um dos espiritos mais merecedores de estima que eu conheço.

Já dei a lume este quadro, n'um volume de versos publicado ha dois annos. Como corrigi-o, refundindo-o, entendi não haver inconveniente em reimprimil-o aqui.

SCENA VULGAR (pag. 23).

Eça de Queiroz, no seu famoso *Primo Bazílio*, tem no fim do primeiro capítulo, uma scena que se assemelha algum tanto a que procurei descrever nesta composição. Com toda a razão, poder-se-hia afirmar ter-me eu inspirado lá, se as datas não se oppuzessem á imputação.

POEMA DE TODOS NÓS—TRIBUTO ETERNO  
(pgs. 51 e 59).

Estes versos podem parecer contradictorios com o que eu disse no prologo. Resalva a incoherencia o espirito geral, a ideia capital de ambas as peças. Appello para a attenção do leitor.



# INDICE

	Dedicatoria . . . . .	3
	Ao leitor . . . . .	5
I	A Flauta . . . . .	7
II	Quadro biblico. . . . .	13
III	Esboço . . . . .	15
IV	Noivado. . . . .	19
V	Scena vulgar . . . . .	23
VI	Quadro biblico . . . . .	24
VII	Esmola dos mortos . . . . .	29
VIII	Dôr infantil . . . . .	31
IX	Quadro biblico . . . . .	33
X	Em familia. . . . .	35
XI	A terra dos vulcões. . . . .	37
XII	A felicidade . . . . .	41
XIII	Quadro biblico . . . . .	43
XIV	Lenda de aldeia . . . . .	45
XV	Nocturno . . . . .	47
XVI	Lenda do claustro . . . . .	49
XVII	Poema de todos nós. . . . .	51
XVIII	A joia . . . . .	55



XIX	Na fazenda . . . . .	57
XX	Tributo eterno . . . . .	58
XXI	A officina . . . . .	59
XXII	No intimo . . . . .	65
XXIII	Cruzadas . . . . .	67
XXIV	No jogo. . . . .	71
XXV	Na quaresma . . . . .	73
XXVI	Os successores de Meneláu . . . . .	75
XXVII	A filha da paz . . . . .	79
XXVIII	Ponto final. . . . .	85
	Leia-se . . . . .	89

